

Caro(a) participante,

Google Flu Trends traído pelos media

A revisão científica demonstra que, esta época gripal, o Google Flu Trends mediu de forma muito exagerada a incidência gripal, para os Estados Unidos. Até aqui, o sistema em tempo real do Flu Trends (lançado em 2008) tinha vindo a acompanhar as curvas de incidência dos sistemas de vigilância convencionais, que demoram mais tempo a ser geradas. Esta desconformidade na estação 2012/13 veio levantar dúvidas sobre a precisão do uso de um motor de busca para monitorizar a gripe, que terá ficado ‘confundido’ com o enviesamento provocado pelas notícias alarmistas dos media.

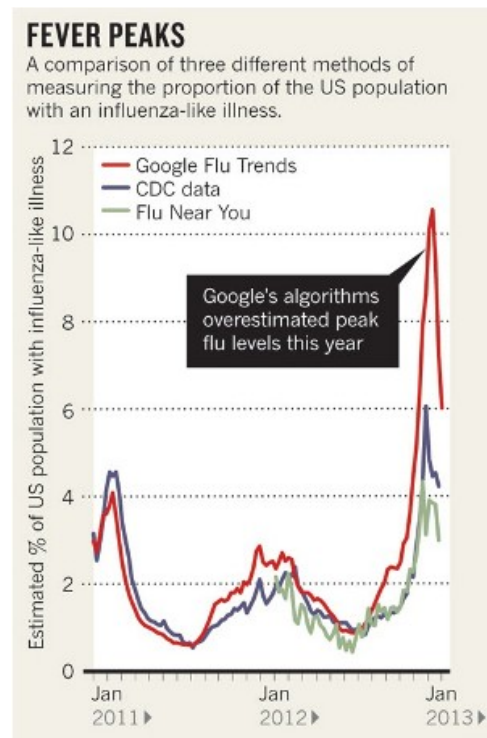
Declan Butler, editor da revista Nature, refere, na edição de dia 13, a enorme discrepância entre os níveis de gripe estimados pelo Google Flu Trends e os dados recolhidos pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), no início deste Inverno.

O sistema do Google baseia os seus números nas pesquisas de palavras relacionadas com a gripe (a ideia básica é a de que ter mais pessoas a ‘googlar’ termos como "sintomas de gripe", "febre" ou "vacina contra a gripe" significa mais pessoas infectadas pelo vírus). O CDC, por outro lado, utiliza os tradicionais métodos de vigilância epidemiológica, através das consultas médicas, internamentos hospitalares, etc.

Resultados anteriores mostraram que o Google tem um histórico muito bom em gráficos espelhando a epidemia de gripe. Mas desta vez, os algoritmos do Google duplicaram a epidemia que foi registada pelos CDC - nalgumas regiões dos EUA, os picos foram mais do que o dobro registado pelos sistemas convencionais.

Não há dúvida de que esta estação de gripe foi grave, nos EUA. Os surtos surgiram cedo na estação e foram de alta intensidade. Os CDC declaram estado de epidemia de gripe no início de Janeiro, os presidente de câmara de Boston e Nova Iorque declaram estado de emergência e os hospitais de Chicago lutaram para manter a funcionar os sobrelotados serviços de urgências.

Ainda assim, o alarme instantâneo do Google indicava que mais de 10 por cento da população dos EUA apresentava



síndrome gripal, muito longe do pico real de incidência, que se situou nos 6 por cento. Então, o que baralhou os cálculos do Google Flu Trends, este ano? Provavelmente, o seu calcanhar de Aquiles: o 'hipe' mediático.

A muita atenção dada pelos media a esta epidemia sazonal terá enviesada o tráfego do motor de busca. Pessoas que procuravam termos relacionados com a gripe podiam, de facto, ter tido sintomas - mas muitos cibernautas saudáveis foram simplesmente à procura de notícias sobre esta estação anómala.

Este tropeção estatístico não significa que o Google Flu Trends seja irrelevante. Lyn Finelli, chefe da Equipa de Resposta a Surtos dos CDC, diz que até ela 'checa' os seus dados "a todo o momento". O que isto significa, defendem alguns especialistas, é que o Google Flu Trends precisa recalibrar a maneira de minerar grandes quantidades de dados para rastrear a propagação da doença, tendo em atenção as pesquisas que não estão relacionadas com infecções. "É preciso uma constante adaptação destes modelos, eles não funcionam no vácuo," afirmou à Nature John Brownstein, epidemiologista da Escola de Medicina de Harvard. "Os modelos têm que ser recalibrados todos os anos".

O Google Flu Trend faz cálculos para vários países europeus, mas não para Portugal.

O artigo na Nature [aqui](#)

Últimas notícias

[Vacina mais eficaz para vírus B](#)
[México sacrifica aves por causa da gripe](#)

